

Feminino, fecundo e finito

Expressões nos Rorschach de adolescentes (*)

MARIA EMÍLIA MARQUES (**)

I. INTRODUÇÃO

1. O título deste trabalho, podendo prestar-se a um certo nível de confusão de que são vítimas alguns conceitos e concepções dentro da ciência psicológica, contém uma intenção e um objectivo específicos: *condensar* sob a designação de **feminino, fecundo e finito** o que concebemos como os fundamentos da **identidade**, inaugurador da *singularidade* e da **subjectividade** e sustentáculo da **objectalização**. Não fica, todavia, excluído, através desta formulação, o feminino nas suas relações com o masculino, nem tão pouco com o materno e o paterno, relações estas a serem consideradas numa lógica de *integração e complementariedade*.

Iremos, então, em primeiro lugar, tentar clarificar o conceito de feminino nas suas múltiplas relações e na polissemia do seu sentido, tal como aparece nas teorias, para depois o usarmos numa técnica psicológica específica – o **Rorschach**.

2. Este trabalho inscreve-se no aprofundamento de um outro (Marques, 1995), no qual procurámos reflectir, através da expressão do Rorschach de adolescentes, sobre o simbolismo

dos cartões Rorschach a partir da noção **feminino-masculino**. Usámos, então, basicamente, a assimilação dos conceitos feminino-masculino aos de identidade-identificação, dado serem estes os conceitos que fundam a análise da escola francesa de Rorschach – Rausch de Traubenberg (1990); Boizou, Chabert & Rausch de Traubenberg (1978); Chabert, (1983). No entanto, tal assimilação provocou-nos, logo na altura, um certo desconforto, pelo facto dessas noções aparecerem excessivamente conotadas com a psicopatologia – enquanto a noção de identidade tem na sua expressão mais perturbada a psicose, a noção de identificação tem a de neurose. Decidimos, então, retomar e aprofundar esse trabalho para podermos voltar a reflectir nas principais ideias aí consignadas. Para tal, propomo-nos proceder a dois níveis: por um lado, aprofundar a concepção teórica sobre a noção feminino-masculino; por outro lado, assegurarmo-nos de que tal concepção esteja devidamente depurada de conotações ou vizinhanças com a psicopatologia e o diagnóstico diferencial.

É nossa preocupação estabelecer para o Rorschach parâmetros de análise que ultrapassem os níveis mais habituais, os quais são, basicamente, fundados em critérios de diagnóstico diferencial, critérios estes criados por vias mais clínicas ou mais psicométricas. Consideramos fundamental o estabelecimento de eixos que dêem conta de dimensões ligadas a *processos* que ocorrem no sujeito e nas relações que ele estabelece com os

(*) Artigo elaborado a partir de uma comunicação apresentada no 6.º Colóquio de Psicologia Clínica, ISPA, Lisboa, 1994.

(**) Psicóloga Clínica. Assistente, ISPA.

objectos, podendo apreciar-se, então, não só o nível a que um sujeito acedeu, mas também às *possibilidades que expressa em criar, recriando, novos objectos*. Aceder a tais processos implica e obriga ao estabelecimento de um conjunto de procedimentos ordenados através de uma determinada metodologia, o que se nos constitui como tarefa a perseguir.

É a partir de posicionamentos teóricos revisitados, isto é, operacionalizados de maneira a poderem ser aplicados num quadro diferente daquele de onde saíram, que se podem estabelecer parâmetros de análise que permitam o acesso a novas possibilidades interpretativas e compreensivas do nosso objecto de estudo. Contudo, estabelecer parâmetros de análise para uma técnica específica, no caso o Rorschach, deve obedecer a procedimentos metodológicos claros, e a sua constituição e utilização não pode trair princípios de *coerência e convergência entre teoria e metodologia*. O Rorschach é um *instrumento auxiliar para aceder ao conhecimento de um ser*, qualquer que seja o âmbito, o objectivo e o contexto. Esse conhecimento deve, todavia, ser sempre encarado como relativo e parcial, feito *de/em* tempo e lugar específicos que condicionam e determinam a expressão que captamos.

Em síntese, podemos dizer que se acede ao conhecimento do ser psicológico através de um prévio posicionamento teórico, perseguido com o recurso a uma metodologia claramente formulada, e os instrumentos aparecem como vias que facilitam e condensam a expressão. É nesta perspectiva que colocamos este trabalho.

3. A partir da reflexão e da explicitação do que é o **feminino**, iremos tomar este conceito como um eixo de análise e de interpretação **no/pa-ra o Rorschach**, depois de o depurarmos das implicações e aplicações teóricas que contém.

Tomamos como ponto de partida a concepção de que é através desta noção que se pode entender a natureza dos processos inerentes à constituição, construção e expressão da identidade, do **ser**, da **singularidade** e da **subjectividade**, bem como dos processos identificatórios, que se estabelecem a partir do **ser como e com**. Tais processos pressupõem, a dominância da acção dos mecanismos designados por *projectão, introjecção e identificação projectiva* e são também

constituídos e construídos na/pela **objectualização**.

Para melhor revelar a natureza destes processos iremos proceder a uma reflexão sobre o **processo adolescente** através deste eixo interpretativo – o feminino nas suas múltiplas acepções e relações –, já que é neste período do desenvolvimento que se *firma e afirma uma identidade sexual, feminina e masculina, identidade que se institui, recriando-se, nas relações estabelecidas com o materno e o paterno*. Para tal efeito vamos proceder à interpretação das expressões em protocolos de Rorschach de adolescentes, rapazes e raparigas de 13 e 17 anos.

II. O FEMININO

1. O *feminino* apresenta várias significações, é um conceito problemático e contraditório que veicula, ao seu nível mais profundo, a noção de opostos. Conceito que atravessa vários eixos simbólicos, o feminino pode aparecer pelo menos a três níveis: alimentador, continente, fértil, fecundo e onipotente; sedutor, erotizado e erotizante e, finalmente, aterrorizador e mesmo destrutivo. O feminino é, sem sombra de dúvidas, um dos conceitos com o maior número de símbolos opostos e contraditórios. Contribui para tal, para não dizer mesmo determina, as relações desse conceito com o conceito e símbolo materno e com os conceitos e símbolos masculino e paterno.

Como é que as teorias psicológicas, mais especificamente a teoria psicanalítica, contribuem para a explicitação deste conceito enquanto tal e nas suas múltiplas relações?

No seio da(s) teoria(s) psicanalítica(s) a sexualidade não é um constructo unitário. Com um maior ou menor apoio nessas concepções, quando se procura estabelecer uma teoria da sexualidade nas expressões masculina e feminina, as divergências e os aspectos contraditórios das formulações adensam-se. Chega-se mesmo ao ponto de se acusarem uns e outros, nos limites e no desespero das argumentações, de expressarem, através dos respectivos posicionamentos, uma atitude defensiva, devida ao próprio conflito interno, face a um ou outro sexo.

Parece-nos, todavia, que, ao retirar a carga

passional que tais discussões encerram, se pode agrupar o essencial das formulações, das argumentações e das divergências de pontos de vista à volta de duas dimensões: por um lado, nas premissas teóricas de onde saem e, por outro lado, no estatuto que é conferido às realidades interna e externa, aos objectos fantasmático e real.

As divergências que marcaram o debate nos anos 20 e 30 sobre o feminino, entre Viena e Londres, – estando o essencial desses textos contidos in Chasseguet-Smirgel (1964) – não foram encaradas como um percurso normal de um conhecimento que se ia construindo e aclarando e acabaram por encerrar e cristalizar um debate, que ainda se mantém, e que tem levado a um enclausuramento teórico dos que são a favor ou contra uma concepção do feminino e da mulher. A principal característica do feminino e da mulher, aceite e defendida ou, então, rejeitada e diminuída, ordenar-se-ia a partir da falta (de pénis) e «*dado que a anatomia é o destino, o destino da mulher seria uma privação do ser, uma humanidade atrofiada*» (A. Anzieu, 1989, p. XI).

Não nos esqueçamos, todavia, que é na linha paterna que se desenvolve, em Freud, a teoria das neuroses, a partir do modelo da neurose histerica, enquanto Lacan lhe vai acrescentar ainda o fundamento da aquisição do *nome*, do *não* e do *simbólico*.

Ao não se prestar muita atenção aos pontos de vista que marcam o início e o fundamento desta concepção, condicionando-a, por isso mesmo, incorre-se em inúmeros perigos. É por isso que esta concepção tem servido, directa ou indirectamente, como justificativo, mas também como comprovativo, de um debate feito algures, esse mais ideológico, cultural ou político, que serve para firmar e afirmar posições pessoais ou colectivas que fundam, explicam e legitimam uma lógica feita de diferenças.

A grande polémica parece-nos, então, poder situar-se entre os defensores do masculino ou do feminino e do paterno ou do materno, que, nas suas formas mais radicais leva uns a afirmar o princípio da dominância fálica na linha da lei paterna e leva outros a afirmar a continuidade desde o início da vida do feminino, cujo protótipo é o seio e a oralidade, que determinam a apetitividade e a procura.

Parecem-nos ser estes pontos iniciais que condicionam os seus desenvolvimentos, não nos

parecendo haver, nestas duas linhas, pontos de clivagem. Há alguns consensos estabelecidos e serão basicamente esses que nos interessam: os que nos explicitam a natureza das aquisições que decorrem das relações precoces com a figura materna e paterna, bem como da constituição das respectivas imagos, que são a base da *identificação* tomada no sentido amplo, isto é, primária (identidade subjectiva) e secundária (edipiana), e são, também, fundadoras e inauguradoras da singularidade e da individualidade.

Podemos, assim, formular tais consensos da seguinte forma: por um lado, são estabelecidas as relações com o objecto primário, materno, bem como a sua importância no estabelecimento do Eu e na constituição da identidade sexuada e sexual; por outro lado, são estabelecidos o destino e o percurso de cada sujeito nas relações *de/a/com* objecto, relações que conduzem à realização e à identificação, ao ser *como e com*, impondo-se, então, a introdução do paterno. Daremos alguns exemplos. Como exemplos do primeiro eixo destacamos as posições de Stoller (1993) que propõe o abandono da noção bissexualidade a favor da de **protofeminilidade**, e do primado do feminino e as formulações de Balint (1968/1991) que ao falar de relações de objecto primitivas, estabelece como a mais primitiva a do **amor primário**, materno. Como expressão da segunda dimensão temos Klein (1932/1975) que, através da noção **integração do casal parental combinado**, explicita a natureza da formação de um bom super-ego figurado por personagens securizantes, que leva à escolha definitiva de uma posição heterossexual; temos, ainda, a formulação de Winnicott (1971/1975) que ao introduzir as noções **elementos femininos e masculinos em estado puro**, noções que reenviam, respectivamente, ao **ser** e ao **realizar**, estabelece a importância do elemento feminino, materno, mas também masculino e paterno; e temos, finalmente, designadamente em Rosolato (1969), uma clara formulação sobre a **identificação** e as suas relações com o materno e o paterno: «*A identificação comporta numerosas e complexas operações psicológicas. Ela não é só uma adesão sobre o modo fantasmático da incorporação, em relação a um objecto oral, parcial; nem uma introjecção por assimilação, cujo carácter positivo é inegável; ela assegura, ademais, a manutenção inconsciente da diferença*

dos sexos sustentada pelos pais. Ela exige uma combinatória modulada: dois pais, dois sexos, pulsões de amor e de ódio, de vida e de morte... A identificação secundária retém uma diferença a partir de um desejo antigo, inicial, tomado numa démarche relativa a um objecto perdido... A identificação consiste não só em reencontrar em si o bom objecto e as suas qualidades, ou as vias de acesso a elas, mas também a ser o que se opõe à satisfação, o que frustra, ou mais geralmente a ser essa potência de falta que afecta mesmo o bom objecto.» (pp. 338-339).

Parece-nos, assim, que os consensos só se perdem quando se procura integrar as dimensões que decorrem das perspectivas sociais e culturais, aparecendo, numa dose que intoxica a razoabilidade, o recurso a posições basicamente sustentadas na procura das semelhanças e/ou das diferenças, às vezes até à caricatura. Tal insistência na desigualdade e na diferença de sexos, parece revelar um «destino» quase inexorável: «o ser humano nunca soube acomodar-se inteiramente à sexualidade e à dualidade de sexos que ela pressupõe» apesar «da imutabilidade da pertença a um dos dois sexos» (Devereux, 1982, p. 6).

2. Como reforço desta nossa leitura e a propósito desta afirmação de Devereux, parece-nos útil e interessante reportarmo-nos aos mitos e aos ritos. Ao conterem, revelarem e expressarem o essencial das multiplicidades dos opostos e contraditórios que alimentam o universo cultural e individual no qual mergulhamos e do qual somos feitos, eles veiculam, ainda, as transformações e mudanças, bem como a natureza conflitual, talvez irremediável e inexorável, que tais dimensões comportam.

Num breve realce, podemos ver surgir, nas relações entre os dois sexos, nas semelhanças e nas diferenças, bem como nos opostos patenteados, o que nos parece poder ser considerado como o sinal de uma totalidade específica, ansiada e temida, a androgenia. Tais relações e opostos revelam-nos, então, as misturas e confusões, mesmo a «atração», havendo sempre a procura de claras separações, que a evolução foi criando e estabilizando e, às vezes, mesmo cristalizando, contrariando e anulando tal atração, pelos riscos que comporta.

Os mitos e os ritos evidenciam que as mulhe-

res ocupam um lugar fundamental no imaginário e, à medida que aumenta a complexidade social, cultural e económica, aumenta também a necessidade de afirmar as semelhanças e as diferenças, as partilhas e as especificidades próprias do feminino e do masculino. O feminino e o masculino, para poderem, finalmente, ser considerados contraditórios ou mesmo complementares entre si, obrigam a que tal seja reafirmado sempre e de maneiras múltiplas, sobretudo porque as diferenças têm de emergir claramente. Iremos vê-lo bem através de alguns exemplos retidos de memória, extraídos da Mitologia Grega.

Zeus, o Deus supremo que se vai tornando cada vez mais autocrático, não só gera filhos – mesmo que seja só através de pseudo-gravidezes – mas também os pare, e vê nesta função o reforço do seu poder, domínio e virilidade. Hércules, símbolo da força e da virilidade, que até só engendra filhos machos e é misógeno convicto, está sempre envolvido em trabalhos «gementes», chora como uma mulher e está ao serviço de Hera, designadamente quando tira o poder às Amazonas, mulheres viris, insubmissas e que recusam a feminilidade.

A mulher na sua feminilidade pode chamar-se Pandora, Helena ou mesmo Atena, sendo valorizadas, nessas expressões, dimensões múltiplas. Atena, uma das deusas que mais vai evoluindo no sentido da espiritualização, tem como símbolos o pássaro, mas também a serpente. Se, por um lado, ela representa a sabedoria, a vigilância e a protecção, o espírito contra a força bruta, ela também, por outro lado, cega aquele que vê o seu corpo nu, que quer descobrir os seus segredos – Tirésias, o andrógono por excelência. Pandora, a primeira mulher, criada com o concurso de vários deuses, torna-se, sob o desígnio de Zeus, a origem dos males dos homens, necessários porque Prometeu lhes havia dado o fogo. Se, por um lado, ela simboliza o fogo dos desejos que provocam o sofrimento e a infelicidade, por outro lado, ela representa o perder-se, e o quase fazer perder a humanidade emergente, pela curiosidade e irreflexão. Helena, a «matadora de homens», que só suscita desejo sem o ter, cujo destino é ter um homem que a procura e outro que a guarda, é a responsável por uma guerra terrível e devastadora.

Através destas breves referências vemos os sucessivos balanceamentos e oscilações entre

feminino e masculino, a força e o espírito, a luta e a conciliação, independentemente do sexo da personagem envolvida. Mas vemos, também, como é que a representação do feminino aparece muito ligada à morte, nem que seja potencial ou simbólica, enquanto a expressão do masculino tem essencialmente a marca do desejo do feminino, através, basicamente, da sua dominação, isto é, através da confirmação da virilidade, do poder masculino.

Os rituais de iniciação e a incubação surpreendem-nos ao nível da quase telescopagem de papéis, aparecendo patenteado o corpo sujeito às funções do outro, sobretudo o corpo masculino a representar o papel do corpo materno, para dele abdicar para sempre.

Pode-se, então, dizer que enquanto a função e o corpo materno atraem, cativam e contêm, apesar dos perigos e ameaças que implicam, o feminino representa, quase sempre e antes de mais, o perigo, as ameaças, até mesmo a morte cruel – as Górgonas, as Gréias e as Sereias são disso bons representantes – e é só depois, eventualmente, que pode ver-se surgir a sedução e o prazer - representado, por exemplo, pelas Musas e Ninfas.

Parece-nos haver alguma legitimidade em afirmar que enquanto o *feminino* mobiliza a *identificação*, mobilizando, portanto, também, o masculino, o *materno* mobiliza e implica sobretudo o corpo, *corpo* sujeito a funções específicas, funções essas que só são intermutáveis nas fantasias. Quanto ao *paterno*, ele cumpre o papel de *separador*, *reparador* e *mediador*, papel que permite a *transição*, a continuação, a continuidade e a realização, nem que para tal seja necessário o recurso à força, isto é, *ir contra*.

3. A partir da noção **feminino**, tomada no sentido amplo e nas relações que temos vindo a explicitar, podemos dizer que o **ser aparece na função materna**, função que **contém** e que evita o excesso de excitação. O que está em jogo, em primeiro lugar, em cada indivíduo humano é o vínculo primário – incorporação e fusão com o objecto materno – que define e funda a *identificação primária* e a *identidade*. Mas a função materna contém também o elemento feminino, elemento excitante que, para A. Anzieu (1989), «*seria então a fonte não diferenciada em fálico-masculino e materno-produtivo*» (p. 91).

Enquanto o elemento feminino, assim concebido, funda e constrói o ser, o elemento masculino abre o caminho para a realização: «*Encontro e dissociação, o germe e o ovo, o ser e o fazer... Desde o primeiro momento da diferenciação, estabelece-se ao mesmo tempo uma oposição e uma complementariedade do feminino e do masculino.*» (A. Anzieu, 1989, p. 92).

O materno-feminino abre e fecha o ciclo do ser, da relação, do crescimento e da expansão mental; o masculino continua a perpetuá-lo, contendo-o sempre.

III. O FEMININO E O RORSCHACH

O **Rorschach**, ao propor uma sequência de dez cartões, num tempo, lugar e contexto específicos em que participa a intersubjectividade, revela-se como uma *situação plural*: pluralidade de solicitações, que desencadeia uma pluralidade de expressões, que emergem e são sustentadas num *balanceamento entre a subjectivação e a objectivação*.

O Rorschach implica e apela a um *sentimento de existir*, subjectivo, delimitado e separado, sem o que não poderá haver, depois, a projecção da *vivência conflitual, relacional*, com a marca da objectualização e das relações de objecto.

Os vários níveis de funcionamento revelados por cada sujeito na sequência dos 10 cartões, expressam-se através de passagens e de oscilações entre percepção-projecção, percebido-vivência-fantasma, realidade objectiva-realidade subjectiva (Rausch de Traubenberg, 1983). Tais oscilações revelarão os vários registos da problemática de cada sujeito – mais arcaica ou mais evoluida –, revelarão ainda as capacidades de arranjo e os compromissos possíveis de estabelecer que expressam também as potencialidades evolutivas.

Podemos organizar a análise e interpretação da expressão Rorschach através da noção *feminino-masculino*, noção esta a ser encarada não como um par antinómico mas como o elemento que, em primeiro lugar, funda e estrutura a *identidade* de cada sujeito. É a partir da capacidade de ser que se estabelece o *sentimento de ser, de existir*, bem como a *aptidão para realizar* (Winnicott, 1971/1975). Tal capacidade de ser, de existir e de realizar conduz, depois, à possibili-

dade de expressar a *vivência de ser, de existir e de realizar sexuado*, activo/passivo, inter-activo e intersubjectivo, vivência esta que também se expressa na *relação ao objecto, ao Outro*, também ele sexuado, activo/passivo, inter-activo e intersubjectivo.

A primeira dimensão, a que põe em jogo a *identidade*, dá-nos conta de que interpretar uma mancha Rorschach é poder proceder à separação figura/fundo, dentro/fora, sujeito/objecto. A relação que o sujeito estabelece com o objecto – a mancha Rorschach a interpretar na situação-projectiva que determina e condiciona a expressão – pressupõe a *separação Eu/não-Eu que conduz, permite e revela a objectualização*, isto é, a *relação do sujeito com o mundo*. Esta relação, fundada no sentimento de existir, leva à *capacidade de criar*, possível a partir da capacidade de preservar um interior, ser um continente, e depois, ao mesmo tempo, pela acção da projecção, da introjecção e da identificação projectiva, estabelecer conteúdos e uma relação com o mundo. Esta é a explicitação da natureza da relação e da integração, comum aos dois sexos, do *casal parental combinado*, no sentido kleiniano; dos *elementos masculino e feminino em estado puro*, no sentido de Winnicott ou da explicitação do *processo de identificação*, em Rosolato, tal como atrás apresentámos.

Quanto à segunda dimensão, a que põe em jogo a *sexuação* e a *relação*, leva-nos a considerar o masculino e o feminino nas relações com o *activo* e o *passivo*, o *inter-activo* e o *intersubjectivo*, dimensões que devem ser ligadas, enquanto *condutas face ao mundo externo*, nas relações com o mundo interno, e que são fundadas na intrincação das moções pulsionais libidinais e agressivas.

Todos os cartões Roschach contêm como referência básica, fundamental e fundadora, a integração dos dois parentes, dos dois sexos e das pulsões libidinais e agressivas, de amor e de ódio. Em todos os cartões se expressa a forma como é que, do encontro entre o nível de funcionamento do sujeito e o nível de solicitação da situação-projectiva e da mancha, nasce a resposta Rorschach. Esta deve ser encarada como o compromisso possível, a cada momento, em cada cartão, entre a expressão da vivência do sujeito, a natureza da sua relação com o mundo e o seu desejo de crescimento e de expansão, sendo estes

visíveis através da possibilidade que expressa em (re)criar objectos.

A matriz que funda a solicitação simbólica de cada cartão, revela o nível de interiorização e de integração das imagos parentais, que são masculinas e femininas. Na situação projectiva, em cada cartão Rorschach, ainda que a níveis diversos, cada sujeito reage e expressa o nível de conflitualização, mas também o de integração e de construção face ao materno e ao paterno, face ao feminino e ao masculino.

Em todos os cartões Rorschach se joga, em primeiro plano, o *nível de integração fantasmática do casal parental combinado*, no sentido kleiniano, o que pressupõe que eles apareçam ligados e integrados, mas joga-se, também, secundariamente, após um trabalho feito de substituição e de simbolização, uma expressão que deve conter a *diferença de sexos* e a *complementaridade*. Mas cada cartão pode revelar, ainda, e aqui há diferenças entre eles, as relações com o masculino e com o feminino, o heterossexual, que não são mais do que relações reconstruídas sobre o materno e o paterno.

IV. A ADOLESCÊNCIA E O RORSCHACH

A adolescência, pela natureza dos processos que impõe, permite-nos proceder a uma explicitação sobre a natureza dos processos de sexuação que conduzem à escolha sexual, fundados no sentimento de ser, de existir e no de realizar, que são função da integração do feminino-masculino, também materno-paterno.

O Rorschach possibilita evidenciar a expressão, mas também revela as vias de construção, afirmação e afirmação de uma identidade sexual estável. Tais processos são adquiridos numa lógica feita de transformações, de separações e integrações, de atrações e repulsões e de conquistas e perdas.

Em todos os cartões Rorschach dos adolescentes normativos que estudámos, de 13 e 17 anos, do sexo feminino e masculino – estudo presente in Marques (1994) – as respostas dadas dão conta, antes de mais, de dificuldades em se *vivenciar, firmar e em se afirmar como seres íntegros*. Estas dificuldades devem ser entendidas como expressões inerentes, inevitáveis e estruturantes do processo adolescente, do processo de

firmação de uma identidade sexual a estabilizar e a enriquecer com novas características. As novas características podem ser entendidas como um espaço de acção e de inter-acção, como um espaço de criação e de recriação, como um espaço de transformação e de integração, como um espaço de feminização e/ou de masculinização com novas características, novos atributos e novas funções. Trata-se de um espaço de abertura ao Outro que criou profundidade, se redimensionou, pela acção da projecção, mas que também estrutura, por sua vez, o sujeito dando-lhe novas características, novas dimensões, e isto pela acção da identificação projectiva.

Em nenhum dos cartões Rorschach aparece um investimento, nem claro nem estável, numa representação de *Si sexuada, feminina ou masculina*. Aparecem, sim, em primeiro lugar, e sobretudo nos adolescentes mais jovens, preocupações em sentir-se íntegro ou não, em firmar-se ou afirmar-se como activo ou passivo, ganhando sempre esta última dimensão. Nunca está em jogo o papel feminino e/ou masculino mas sim a natureza da integração do materno e do paterno, integração prévia à aquisição de uma identidade sexual estável.

A *vivência corporal* revelada nos sucessivos cartões Rorschach é a de um corpo inteiro mas atingido, ou melhor dizendo, vulnerável, enfraquecido, corpo com a marca do medo de ser atacado e agredido, mas corpo com a marca do desejo e da necessidade de crescer, de se transformar. Tal vivência abre as vias a novos processos de simbolização. Poder firmar-se e afirmar-se como sujeito sexuado, activo/passivo, inter-activo, conduz a momentos de desorganização, de regressão, de retraimento e desdobramento narcísicos e de passivização, como pontos de passagem, como patamares obrigatórios, para se reconhecer e integrar a inter-acção, a conquista e a expansão. Face ao medo das novas aquisições e potencialidades e da maturação imposta pelo desenvolvimento, surge a vulnerabilidade, vivência sem a qual não poderá haver desejo de ultrapassagem, a partir da dor mental que tal vivência contém e que impõe uma nova relação continente-conteúdo, no sentido de Bion.

As estratégias dos rapazes e das raparigas face a esta vulnerabilidade são, no entanto, diversas: aparências de beatitude nas raparigas e aparências de confusão nos rapazes, aparências que ex-

pressam, e revelam, o desejo de conquista, de integração, de maturação, através de vias que conduzem sempre a processos de vai-e-vem entre o dentro e o fora.

Nos cartões bilaterais – II, III e VII –, cuja solicitação simbólica impõe o *Outro* como ser autónomo e sexuado, activo e passivo, inter-activo, surge uma expressão que atesta as vicissitudes da natureza do processo de integração deste elemento, altamente complexo, da realidade interna e externa. O Outro, que se deseja e se teme, é condenado a usar um disfarce que o proteja, protegendo-se, assim, também o sujeito da acção e inter-acção que se teme perigosa. Camuflagem, disfarce, até aos limites da dissolução do Outro, que de «*pessoa*» passa a «*núvem*», que são a marca também da vivência do próprio.

Quando juntos no mesmo movimento de representação, *Eu-Outro, sujeito-objecto*, emerge uma angústia, feita também de desejo de proximidade, que só se extingue, ou pelo menos se atenua, quando aparece o reforço, confirmado até ao infinito do possível, de uma identidade subjectiva que tem de se confirmar como estável, coerente e firme.

V. CONCLUSÕES

A noção *feminino*, nas suas acepções e relações, quando usada como elemento de análise no Rorschach, revela e amplifica uma expressão, ou será melhor dizer, múltiplas expressões – função do sexo, idade e problemática – que são, ao mesmo tempo, reacção e adaptação à solicitação da situação-projectiva e da simbólica dos cartões, mas que também são reacção e adaptação a uma exigência, exigência que é o percurso aqui considerado, o da adolescência, que se actualiza, expressa e revela exemplarmente no Rorschach.

Esta diversidade de expressões não é mais do que a revelação dos percursos que se estabelecem e devem ser percorridos, percursos que revelam o sentimento de ser – fundado no feminino e materno, que é fecundo e obrigatoriamente finito e impõe e exige a integração do masculino e paterno – que conduz à possibilidade de conter o desejo de si, inteiro, activo/passivo, inter-activo e intersubjectivo e o desejo do Outro com as mesmas características. Um e Outro, sujeito e sujeito, sujeito a sujeito, mas também sujeito a

objecto e objecto a sujeito, num desejo que pode, e deve, ser conciliável, representável, desejo de ser e de ter com novas características, desejo de se completar e completar o outro, desejo de se complementarizar e de complementarizar o outro.

BIBLIOGRAFIA

- Anzieu, A. (1989). *La Femme sans qualité. Esquisse psychanalytique de la féminité*. Paris: Dunod.
- Balint, M. (1968). *Le défaut fondamental*. Paris: P.B.P., 1991.
- Boizou, M.-F., Chabert, C., & Rausch de Traubenberg, N. (1978). Représentation de soi: Identité et identification au Rorschach chez l'enfant et l'adulte. *Bulletin de Psychologie*, XXXII (339), 271- 277.
- Chabert, C. (1983). *Le Rorschach en clinique adulte. Interprétation psychanalytique*. Paris: Dunod.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1964). *La sexualité féminine*. Paris: P.B.P.
- Devereux, G. (1982). *Femme et mythe*. Paris: Flammarion.
- Marques, M. E. (1994). L'expression féminine et masculine de l'adolescence a travers le Rorschach: le travail de transformation et de construction à l'adolescence. *Bulletin de la Société de Langue Française du Rorschach – L'Adolescence*, 36, 41-55.
- Marques, M.E. (1995). The Rorschach cards: symbolic dimensions. The expression of the feminine and masculine. *Proceedings Books do XIV Congresso Internacional de Rorschach* (pp. 653-658). Porto: S.P.R.
- Klein, M. (1932). *La psychanalyse des enfants*. Paris: P.U.F., 1975.
- Rausch de Traubenberg, N. (1983). Actividade perceptiva e actividade fantasmática no Teste de Rorschach. Rorschach, espaço de inter-acção. *Análise Psicológica*, 5 (1), 17-21.
- Rausch de Traubenberg, N. (1990). *La pratique du Rorschach* (6.ª ed.). Paris: P.U.F..
- Rosolato, G. (1969). *Essais sur le symbolique*. Paris: Gallimard, Col. Tel.
- Stoller, R. (1993). *Masculinidade e feminilidade. Apresentação do género*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Winnicott, D. W. (1971). *Jeu et réalité. L'espace potentiel*. Paris: Ed. Gallimard, NRF, 1975.

RESUMO

O feminino é discutido na polissemia do seu sentido e constituído como modelo heurístico, a ser testado na interpretação do Rorschach de adolescentes.

Depurada a noção de feminino das concepções limitativas que contém, ela revela-se como o elemento que funda a identidade, o ser, mas também, depois, o elemento que permite a realização, o crescimento e a expansão.

A interpretação dos Rorschach de adolescentes evidencia este percurso, balanceamento e oscilação entre o *ser*, o *existir* e o *crescer*.

RESUME

Le féminin, discuté dans sa polysémie et pris comme modèle heuristique, va être testé sur l'interprétation du Rorschach adolescent.

Enlevés les conceptions limitatives que la notion féminin comporte, elle devient l'élément qui fonde l'identité, l'être, mais aussi, et après, l'élément qui permet la réalisation, la croissance et l'expansion.

L'interprétation du Rorschach d'adolescentes met en évidence ce parcours, ballancement et oscillation entre l'*être*, l'*exister* et le *croissement*.

ABSTRACT

The feminine is discussed on the polyssemy of his sense and established as an heuristic model, to be tested on the Rorschach adolescents interpretation.

Expurged the concept of feminine from his limitative assumptions, this concept reveals itself as the founding element of identity, of being and also, afterwards, as the element that permits the realisation, the growing and expansion.

The Rorschach adolescents interpretation shows this process, the balance and oscillation between *being*, *existing*, and *growing*.